



Perguntar ou Não Perguntar: eis a questão

Claudia Cacau Furia Cesar*¹

Este texto foi inspirado no texto de Gladys Brun e Rosana Rapizo*² - "Reflexões sobre o ato de perguntar". Como não poderia deixar de ser, influenciada pelas idéias das autoras, fiquei pensando : "o que era novo para mim" ? O uso de perguntas da forma proposta não era uma completa novidade para mim. A novidade principal era o referencial teórico usado, o novo paradigma a partir do qual surgiam as perguntas. O meu impulso foi ler de novo, e buscar em cada virada de pagina uma maneira de ampliar a minha compreensão do ato de perguntar, não só para meu trabalho de terapia familiar em consultório, mas para que eu pudesse inclui-lo em outros contextos, como as terapias individuais e de grupo. Bem como, exercitar o ato de perguntar com profissionais na área da Saúde, Social e Educação, não habituados a esta prática reflexiva.

Vou compartilhar as paradas que fiz durante o trajeto de leitura, refletindo sobre o que as autoras suscitaram em mim. Estarei fazendo uso de trechos do texto original, e de alguns outros, para isto.

Afinal o que entendemos por "realidade"? Quando estou relatando um fato ou evento de minha vida, o que vejo, percebo e sinto? Não é possível pensar no outro(s) e na(s) suas construção(ões) de "realidade(s)", se eu não remeter a mim mesma, e ao modo como eu construo a "minha realidade". Que aspectos costumo levar em conta? E quando eu o faço, o que se modifica em minhas atitudes? A forma como eu percebo o(s) outro(s) também se modifica?

"Para conseguir e manter essa organização coerente, o homem seleciona e edita aspectos da realidade que se encaixe, com suas explicações prévias. - A realidade está sempre entre parêntesis..." (p10).

*¹ Claudia Cacau Furia Cesar, membro da equipe do ITFCCps, Coordenadora da Clínica Social Sistêmica e do Núcleo de Trabalhos com Grupos do ITFCCps.

*² Brun, Gladis et Rapiso, Rosana, "Reflexões sobre o ato de Perguntar" in Revista Nova Perspectiva Sistêmica, nº 1, p. 09 - 15, 1991, Rio de Janeiro: I.T.F.



O homem é um ser gregário, que necessita de explicações para os eventos que ocorrem a sua volta.

Para as múltiplas perguntas que se faz, suas respostas nada mais são do que uma forma que encontrou para organizar sua vida, e dar sentido a ela.

Quando pensamos na "realidade entre parêntesis", podemos estar falando dos recortes que o sujeito faz a partir da sua subjetividade, selecionando informações que fazem sentido para seu modo de existir. E estas informações "passam a fazer parte de um todo maior, que constitui sua visão de mundo". A construção da realidade é um processo contínuo e permanente, marcado pela visão de mundo do sujeito, no presente e no futuro, sempre com a possibilidade de transformar-se pelos novos recortes que podem ser feitos.

As informações que não se encaixam na visão de mundo, ou que se modificaram, ficam periféricas em relação a história construída pelo sujeito

"Essa subjetividade à qual nos referimos é sempre relacional, "É o sujeito em interação com o outro que ao criar áreas consensuais a respeito de como são ou deveriam ser as coisas no mundo" (1), cria um mapa que será sua representação do território cognitivo e emocional. Estas construções de realidade, para terem vida, necessitam da validação grupal."(p.11)

Cada grupo constrói um conjunto de regras e crenças grupais que expressam a sua história evolutiva. Um grupo precisa, para se organizar, de uma coesão grupal, que se for ameaçada, pode desestabilizá-lo.

"Quanto mais coeso e mais fortemente relacionado for o grupo, mais esperado é o consenso, pois são as premissas básicas compartilhadas que dão o sentimento de pertinência grupal. Para se obter os benefícios relacionados à coesão e à pertinência, paga-se o preço de abrir mão da curiosidade que, neste caso, assemelha-se ao risco de ser "diferente", "transgressor", de "não pertencer".(p11)



A primeira experiência grupal é vivida dentro da família, para a maior parte das pessoas. As famílias possuem suas histórias, baseadas nas crenças e mitos de coesão, e que mantêm a coerência do seu passado, presente e futuro. Ao longo do tempo a família vai criando o que Brun e Rapizo chamam de "historias oficiais".

São aquelas que são compartilhadas por todos, ou pela maioria dos membros de uma família e podem permanecer ao longo de muitas gerações. É este sistema de crenças que mantém a sobrevivência de um grupo, mas que deve possuir uma "permeabilidade às mudanças indispensáveis a sua evolução." Ao atendermos uma família ou membros dela, o que ouvimos é uma "historia oficial" e muitas informações periféricas, que não são levadas em conta no relato. O nosso trabalho constitui na compreensão da família "como uma organização que tem dificuldades de "dar um salto", fazer uma mudança que, em muito, está ligada à incorporação destas informações periféricas à "historia oficial", e a mobilizar seus mecanismos de permeabilidade ao novo."(p12) Não podemos esquecer que as informações periféricas fazem parte do contexto da família, mas que não estão sendo reconhecidas, articuladas pelo grupo. Sua validação possibilitará um novo significado, que pode levar a uma outra reorganização familiar. É a partir desta possibilidade que podemos "pensar mais no potencial de saúde da família do que em sua doença." Isto significa, trazer à tona informações que não são consideradas por todos, e sobre as quais não há um consenso .

"O trabalho terapêutico torna-se, então, dirigido a criar perguntas que facilitem estas novas articulações. O terapeuta*³ pode ter algumas coisas para dizer, mas tem muito mais a perguntar."(p.12)

Perguntar a partir de uma atitude de curiosidade, de onde o profissional não privilegia nenhuma posição particular de cada membro da família. É importante que o profissional tente se manter sempre curioso, "formulando hipóteses sem privilegiar nenhuma descrição."

*³ Quando no decorrer do texto, as autoras se referirem aos terapeutas leia-se profissionais, incluindo todos aqueles que trabalham junto aos



indivíduos e suas famílias. É o fato de não enquadrar a família, previamente, nesta ou naquela hipótese,

"que permitirá à família uma abertura para ouvir informações que se situam dentro de seu próprio núcleo. Nesta ruptura do consenso grupal a partir de maiores discriminações de visões de mundo individualizadas e diferenciadas, se desestabiliza a relação história trazida - informações periféricas. Conseqüentemente a família se torna mais curiosa."(p.13)

A atitude de curiosidade do profissional, ao buscar outras informações, e não se comprometendo a priori com a história oficial, permite que alguns membros da família possam trazer informações já compartilhadas, outras novas, ou esquecidas, ou que sejam tabus para alguns. O grupo todo - família e profissional - se envolvem com a possibilidade de recontar esta história, com os elementos já existentes, e com outros possíveis de serem incorporados, buscando um consenso diferente.

Focalizar as informações periféricas no relato da família não somente muda a relevância das informações como, também, já muda a história. Este recontar favorece uma mudança de referência do sistema, a coerência fica afetada, e a família se vê mais exposta a contradições e conflitos. Esta desestabilização quando enfrentada, promove uma nova forma de organização.

O profissional trabalha com perspectiva de entender "como a família construiu e constrói sua "história", como é sua lógica particular, ou seja, aquela que revela como a família lida com o processo de incorporar-expulsar informações."

O profissional ao atender uma família, acaba trabalhando com "vários interlocutores e tem como um de seus objetivos integrar, inter-relacionar várias informações e diferentes leituras da "história" da família. As perguntas são dirigidas de modo a valorizar contextos e inter-relações."(p.14)

O profissional, partindo do modo de funcionar da família, e lançando mão do ato perguntar, pode oferecer uma diferença possível. Nem sempre os profissionais valorizam as suas perguntas como sendo atos terapêuticos, pois "mais do que a resposta, o importante é como este grupo lida com as perguntas, e que efeito elas provocam." Podemos entender que, ao colaborarmos com uma mudança da família,



(a partir de perguntas e da possibilidade de recontar sua história), permitimos que esta possa, no futuro, lidar com novas situações de uma forma diferente, construindo novas falas e escutas, e encontrando possibilidades alternativas para suas ações.

"O que se procura num processo terapêutico é habilitar a família a ter, frente a uma próxima necessidade de mudança pelas passagens inevitáveis e seu ciclo vital, o recurso adquirido através desta flexibilidade em seus processos de incorporação e expulsão e de reconhecimento de novas possibilidades de articulação." (p14)

O que torna uma pergunta mais terapêutica que a outra não é a natureza da pergunta em si, mas a postura a partir de que é feita, de forma que o profissional convida o cliente a refletir sobre seus problemas e expectativas. Podemos pensar e fazer uma série de perguntas para nossos clientes. Às vezes estamos buscando orientações para entendermos a situação, outras vezes buscamos influenciar uma mudança no cliente(s). Enquanto as afirmações apresentam temas, posições e visões de mundo que pressupõem um saber, um conhecimento prévio, uma objetividade, um uni-versos; as perguntas chamam novos temas, posições e visões, pressupõem um não saber, uma curiosidade, hipóteses, neutralidade e multi-versos.

Karl Tomm (1998) foi o primeiro autor a atribuir ao ato de perguntar um novo sentido:

"Usando perguntas, o terapeuta convida o cliente a partilhar seus problemas e expectativas... as perguntas são escolhidas para levantar respostas que permitam ao terapeuta falar a mesma língua do cliente, entender suas experiências e gerar explicações clínicas que possam ajudá-lo."

Ele diferencia em quatro, os tipos de perguntas*4:

"PERGUNTAS LINEARES - perguntas para orientar o profissional sobre a situação do cliente e são baseadas nas teorias lineares. A intenção é a investigação, tendo como perguntas básicas: quem fez o que? onde? quando e porque?"



"PERGUNTAS CIRCULARES - também são formuladas para orientação profissional a respeito da situação do cliente, são baseadas em teorias circulares. A intenção é a exploração e as perguntas são formulações para levantar "os padrões que conectam" pessoas, objetos, ações, percepções, idéias, sentimentos, eventos, crenças, contextos, etc. São caracterizadas por uma curiosidade geral sobre a possibilidade de uma ligação entre os eventos, que inclui o problema, em vez de uma necessidade de conhecer a origem do problema."

"PERGUNTAS ESTRATÉGICAS - estas são formuladas para influenciar a família e são baseadas em teorias lineares. A intenção atrás da pergunta é corretiva. Baseado em hipóteses formuladas sobre a dinâmica familiar, o profissional chega a conclusão de que algo está "errado" e através das perguntas estratégicas tenta mudar a família, ou seja, tenta fazê-la pensar ou se comportar de maneira que ele pensa ser a mais correta."

"PERGUNTAS REFLEXIVAS - tem a intenção de influenciar o cliente de uma forma indireta, de ser facilitadores e são baseadas em teorias circulares. O profissional atua como um guia ou um encorajador dos membros da família a mobilizarem seus próprios recursos de solução de problema. O sistema terapêutico é evolutivo e o profissional interage abrindo espaço para que a família veja novas possibilidades e evolução no seu próprio ritmo."

As PERGUNTAS REFLEXIVAS são perguntas feitas com intuito de facilitar a auto-cura em um indivíduo ou família, ativando a reflexividade entre os significados de dentro de um sistema de crenças pré-existentes, possibilitando aos membros da família gerar ou generalizar padrões construtivos de cognição e comportamentos por si próprios. PERGUNTAS ORIENTADAS PARA O FUTURO são úteis, pois as famílias com problemas, muitas vezes, estão preocupadas com o presente, ou com questões passadas, e vivem como se não tivessem futuro...Fazendo uma série de perguntas sobre o futuro, o terapeuta pode provocar os membros da família a criar mais de um futuro para eles.

*4 O trecho abaixo foi extraído do Trabalho de Conclusão do Curso de Formação Turma - D, da Maria de Lourdes Carvalho S. Silveira e Ivo Maniglia Junior, "PERGUNTANDO A GENTE SE ENTENDE".



Perguntas sobre os objetivos da família. Perguntas sobre conseqüências potenciais. Perguntas sobre expectativas catastróficas.

Perguntas de perspectiva do observador participante: Perguntas que o terapeuta faz a partir do que observa na sessão: "Quando você respondeu de tal forma, o que imagina que ela sentiu?" "O que você acha que ele sente quando você fala em suicídio?"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Costa, Juarez Soares, "O Ato de Perguntar - uma dinâmica em sala de aula", 2000, mimeo - preparação da aula.
2. Maniglia, Ivo Jr. e Silveira M^a Lourdes C. S., "Perguntando a Gente se Entende", 1998, monografia. mimeo.
3. Brun, Gladis. Rapizo, R., "Reflexões sobre o ato de perguntar" in Nova Perspectiva Sistêmica 1, pág.10 -14. Rio de Janeiro: I.T.F.
4. Tomm, Karl (1998). "Entrevista Interativa: Parte III". Rio de Janeiro: I.T.F

REFLEXÕES SOBRE O ATO DE PERGUNTAR

SegueAs perguntas na ótica Modernidade, da Pós-Modernidade , incluindo nesta uma perspectiva Construtivista - Construcionista.

§ Sob a ótica da Modernidade, as perguntas costumam ser usadas para:

Anamnese (Informativo)
Confirmação da visão privilegiada de um especialista
Confirmação de uma realidade aprendida "a priori"
Possibilidade do Cliente, formular uma resposta norteadora para o terapeuta

§ SOB A ÓTICA DA PÓS -MODERNIDADE:

Karl Tomm (1998) foi o primeiro autor a incorporar ao ato de perguntar um novo sentido:



"Usando perguntas, o terapeuta convida o cliente a partilhar seus problemas e expectativas... as perguntas são escolhidas para levantar respostas que permitam ao terapeuta falar a mesma língua do cliente, entender suas experiências e gerar explicações clínicas que possam ajudá-lo."

§ NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA - CONSTRUCIONISTA, O ATO DE PERGUNTAR:

Vincula-se à postura reflexiva e facilitadora do terapeuta. Favorece um espaço dialógico e um contexto organizador, incorporativo de informações periféricas à "história oficial". Possibilita a ampliação das possibilidades de permeabilização ao novo, das competências e recursos para mudança. Mobiliza a reflexão e a construção de novas narrativas. Centraliza-se mais no como o cliente lida com as perguntas e os efeitos que elas provocam, do que nas respostas em si mesmas. Valoriza não só as perguntas, mas também a curiosidade do terapeuta enquanto "um interesse por conhecer o que não é familiar.. dar voz a todas as falas, sem que nenhuma delas seja considerada como possuidora de um acesso privilegiado à realidade." (Costa, 2000) Pressupõe que não existe uma boa pergunta "a priori" Considera que uma pergunta em si mesma não se faz necessariamente reflexiva. A construção da relação que a inclui é que proporciona ou não espaço para reflexão. Recontextualiza a terapia enquanto espaço para a co-criação colaborativa e a exploração criativa, norteados pela curiosidade, a ética, a estética, e a inclusão da legitimidade do outro, sem posições privilegiadas.

Ainda pensando nas perguntas:

COMO AS PERGUNTAS PROVOCAM MUDANÇAS?

- Dão maior garantia de uma conversa centrada no cliente.
- As perguntas (nem todas) são dirigidas de modo a valorizar contextos e inter-relações.



- Perguntas podem ter valor de atos terapêuticos, e ter diferentes efeitos conforme as intenções e teorias do terapeuta.

INTENÇÕES

- Perguntas que Orientam o Profissional sobre a Situação e Experiência do Cliente:
Perguntas de orientação que são utilizadas para levantar respostas que alterem as percepções e compreensão do terapeuta.
- Perguntas que buscam provocar Mudanças Terapêuticas:
Perguntas de influência, utilizadas para deflagrar respostas que alterem as percepções e compreensões da família.

TEORIAS

Teorias Lineares ou de Causa e Efeito

Teorias Circulares